

OS QUARTOS ESCUROS DA CASA: Metáforas da Violência em *La sangre, el polvo, la nieve*¹

Sonia María Chacaliaza Cruz

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da
Universidade Estadual de Santa Cruz (PPGL-UESC). Bolsista CAPES.
smccruz@uesc.br

Isaías Francisco de Carvalho

Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da
Universidade Estadual de Santa Cruz (PPGL-UESC).
ifcarvalho@uesc.br

Simpósio Temático nº 20 – ESTUDOS CONTRACANÔNICOS EM LITERATURAS E CULTURAS

Resumo

Pretende-se abordar a representação das violências no romance *La sangre, el polvo, la nieve* (2010), de Karina Pacheco Medrano. Para tal objetivo, se realiza uma análise hermenêutica amparada principalmente nas categorias violência subjetiva e objetiva elaboradas por Slavoj Žižek. A proposta é que, no romance, a casa se configura como metáfora da violência familiar e social do sistema patriarcal em Cusco durante o século XX. Os quartos vazios e escuros da moradia dos Loayza guardam segredos que Giralda, filha mais nova e protagonista da narrativa, vai desvendar desde criança. Assim, aos poucos, emergem os problemas da intimidade familiar como infidelidade, tradições machistas e maltrato físico e psicológico contra as mulheres. Concomitantemente, a casa extrapola a violência dentro da família para o espaço público, pois apresenta atitudes socialmente estabelecidas e perigosamente aceitas, a exemplo do racismo, da escravidão, da submissão da mulher, da luta de classes e de assassinatos com motivações políticas. Dessa forma, o romance configura-se como uma narrativa intimista e totalizadora, em que confluem a História oficial do Peru, a história de uma cidade periférica como Cusco e a vida de Giralda. Ao transitar por esses três registros, a escrita de Pacheco Medrano conforma uma trança, na qual a mulher é uma das suas “mechas” e que, diferentemente das narrativas canônicas, ocupa um papel igualmente preponderante como as outras duas na configuração do país.

Palavras-chave: Violência sistêmica, Violência simbólica, Escrita feminina, Narrativa peruana contemporânea.

Abstract

It is intended to address the representation of violence in the novel *La sangre, el polvo, la nieve* (2010), by Karina Pacheco Medrano. For this purpose, a hermeneutic analysis is carried out based mainly on the subjective and objective violence categories elaborated on by Slavoj Žižek. The proposal is that, in the novel, the house is set as a metaphor for the family and social violence of the patriarchal system in 20th century Cusco. The empty, dark rooms of the Loayzas's house keep secrets

that Giralda, the youngest daughter and protagonist of the narrative, has gradually unveiled since she was a child. Thus, little by little, problems emerge of family intimacy, such as infidelity, sexist traditions, and physical and psychological abuse against women. Concomitantly, the house extrapolates violence within the family to the public space, as it presents socially established and dangerously accepted attitudes such as racism, slavery, women's submission, class struggle, and politically motivated murders. In this way, the novel configures itself as an intimate and totalizing narrative, in which the official History of Peru, the history of a peripheral city like Cusco, and the life of Giralda converge. Moving through these three registers, Pacheco Medrano's writing forms a braid, in which the woman is one of his “wicks” and which, unlike the canonical narratives, plays an equally preponderant role as the other two in the configuration of the country.

Keywords: Systemic violence, Symbolic violence, Female writing, Contemporary Peruvian Narrative.

Qual casa, quais quartos?

A carreira literária da escritora peruana Karina Pacheco Medrano inicia em 2006, com a publicação de *La voluntad del molle*. Com seis romances, quatro coletâneas de contos e dois prêmios literários, ela é considerada uma das representantes da nova camada de escritoras – entre narradoras e poetas – que vem desenvolvendo a literatura feminina no país, produção que foi estigmatizada, marginalizada e silenciada nos séculos anteriores, especialmente durante o milênio passado. Porém, a importância dessa autora no cenário literário contemporâneo não encontra correspondência na produção crítica sobre sua literatura. Focando-nos no romance *La sangre, el polvo, la nieve* (2010) – reeditado neste ano pela editora Planeta –, podemos considerar que este artigo é um dos primeiros trabalhos acadêmicos que o analisam e, ao mesmo tempo, é nossa primeira aproximação no estudo dessa obra. Ainda são escassas as pesquisas sobre as narrativas da autora e a reduzida quantidade de artigos publicados concentram suas análises no romance de estreia ou em algum de seus livros de contos. No primeiro levantamento da bibliografia, encontramos que grande parte da informação coletada corresponde a resenhas em blogues e sites de divulgação ou jornalísticos, postagens em redes sociais, entrevistas à autora e apresentações virtuais do (re)lançamento do livro no *Youtube*. Contudo, ainda não se tem registro, ou acesso, a artigos, monografias, dissertações ou teses que se dediquem a analisar essa obra.

Terceiro romance de Pacheco Medrano, *La sangre, el polvo, la nieve* contém algumas características presentes na sua produção posterior, tais como a presença preponderante de personagens femininas e a vinculação entre as histórias familiar, local e nacional. A narrativa se localiza em Cusco

e centra-se em Giralda Loayza e sua família. Ela é a filha caçula do comerciante mais importante da cidade, Giraldo Loayza, de quem herda o nome. O narrador, filho mais velho da protagonista, vai apresentar a vida dela desde seu nascimento, em 1900, até 1950, ano em que aconteceu um devastador terremoto na cidade e que mudou as relações sociais e culturais do lugar. Assim, a história pessoal e familiar de Giralda se vincula com sucessos históricos do Peru e de Cusco na primeira metade do século XX.

Um dos espaços de maior preponderância, nessa relação entre as histórias, é a casa dos três pátios do clã Loayza, onde Giralda vai viver até os 24 anos, quando é expulsa pelo pai. Os quartos da casa guardam segredos e punições que, aos poucos, foram desvendados pelas mulheres da família. Esses cômodos frios e escuros permitem assistir a distintos tipos de violências, tanto domésticas quanto sociais. Assim, neste artigo pretende-se analisar hermeticamente esses quartos como metáforas da divisão familiar e social e das diversas violências que acontecem dentro da família e que extrapolam ao âmbito público. Para tal empresa, recorreremos principalmente às categorias de violência subjetiva e de violência objetiva, como definidas por Žižek (2014). Também nos auxiliamos nos conceitos de dominação masculina (BOURDIEU, 2012) e na relação estreita entre a família e a sociedade (JELIN, 2010, 2020). Nossa proposta é que o romance se configura como uma narrativa intimista e totalizadora, em que confluem a História oficial do Peru, a história de uma cidade periférica como Cusco e a vida pessoal e familiar de Giralda. Concluimos que, ao transitar por esses três registros, a escrita de Pacheco Medrano conforma uma trança, na qual a mulher é uma das suas “mechas”, e que, diferentemente das narrativas canônicas, ocupa um papel preponderante na configuração da sociedade e do país.

A família, a casa e a divisão social

Na tradição religiosa e social ocidental, a família arquetípica é aquela conformada pelo casal pai/mãe, por filhos/filhas e por uma rede de filiações próximas e distantes que inclui avôs/avós, tios/tias e primos/primas, entre outros. Diferentemente da expectativa social de que os vínculos familiares devem estar baseados no afeto e no cuidado mútuo, o modelo familiar nuclear está fundamentado em relações de poder, pois se trata de uma organização social na qual o pai (*pater familias*) concentra o poder e submete a esposa, os filhos e as filhas a devotar-lhe respeito e obediência

(JELIN, 2010). Conforme Chauí (2000, p.15), o *pater* tem uma relação semântica íntima com a *pátria*:

Pater é o senhor, o chefe, que tem a propriedade privada absoluta e incondicional da terra e de tudo o que nela existe, isto é, plantações, gado, edifícios ('pai' é o dono do *patrimonium*), e o senhor cuja vontade pessoal é lei, tendo o poder de vida e morte sobre todos os que formam seu domínio (casa, em latim, se diz *domus*, e o poder do pai sobre a casa é o *dominium*) e os que estão sob seu domínio formam a *familia* (mulher, filhos, parentes, clientes e escravos). Pai se refere, portanto, ao poder patriarcal e pátria é o que pertence ao pai e está sob seu poder.

A chave de leitura de Chauí nos interessa porque permite mostrar os vínculos estreitos entre pai, patrimônio, dominação e pátria. Nesse sentido, a casa funciona como metáfora da pátria em que o pai, soberano dessa terra, governa. É um lugar em que a autoridade patriarcal não só subjuga os outros como também determina a distribuição hierárquica dos cômodos, desde a infraestrutura até a designação dos quartos aos integrantes da família. Além disso, os patriarcas se afirmam como dominadores e chefes que designam os papéis dos outros tanto na estrutura social quanto nas atividades produtivas e reprodutivas (BOURDIEU, 2012). Assim, a casa se transforma no teatro íntimo onde podem se explorar vínculos filiais e hierárquicos dentro das suas paredes (JELIN, 2020).

Ao analisar a casa dos três pátios representada no romance, a primeira observação é que ela é patrimônio e legado familiar do lado paterno. Giraldo, filho mais velho, herda a casa e o negócio de compra-venda de mercadorias do pai, Julio César Loayza. Por sua vez, Rolena, a segunda filha de Julio, é designada como a cuidadora dos pais na casa contígua, devido a sua condição de mulher solteira. Enquanto Giraldo é um homem que recebe e convive com visitantes de diversas nacionalidades que enriquecem o seu conhecimento cosmopolita, Rolena vê-se resignada a assumir a missão de cuidadora dos pais sem a possibilidade de conhecer o mundo fora dessas quatro paredes. Como é anotado por Bourdieu (2012), as mulheres estão votadas à resignação e à discrição, motivo pelo qual Rolena assume seu destino sem reclamar. Adicionalmente, as funções que assumem os irmãos demonstram a divisão das atividades produtivas e reprodutivas dentro da família. Por um lado, Giraldo mantém atividades produtivas que se registram no funcionamento e no melhoramento do negócio mercantil. Também assume atividades reprodutivas que permitem a permanência da estirpe Loayza por meio da sua descendência. Por outro lado, Rolena não se casa e não tem filhos; por isso, lhe é atribuída a missão de morar com os pais até os 58 anos, quando morre Júlio (PACHECO MEDRANO, 2010, p. 133).

Voltando ao espaço da casa de Giraldo, observamos que a divisão espacial também carrega elementos vinculados às hierarquias sociais de seus habitantes e visitantes. A casa é, na verdade, um casarão com bases incaicas e revestimento ao estilo colonial, com portões grandes feitos de carvalho-robusto, arcos de pedra nos vestíbulos e três pátios (PACHECO MEDRANO, 2010, p. 21). O primeiro pátio é o mais bem cuidado e com acabamentos refinados. O segundo servia como depósito das mercadorias e alimentos que Giraldo recebia nas suas transações comerciais. Por último, o terceiro não tinha jardim ou enfeites. O chão era de terra e os quartos estavam destinados aos animais e aos serviços indígenas. No excerto a seguir, percebe-se a divisão social na hospedagem de Giraldo com seus visitantes, especialmente com familiares da esposa, cuja recepção é muito diferente daquela preparada a mercadores estrangeiros:

[Los parientes] según su nivel de proximidad social, eran alojados en los cuartos desvencijados del tercer patio (salvo en el establo del fondo, que siempre se hallaba cerrado con doble candado); o bien en una habitación pequeña del primer patio apenas amoblada por dos camas y una silla; y, más excepcionalmente, en el amplio dormitorio de huéspedes de la vivienda familiar, reservado para los viajeros ilustres a quienes Giraldo Loayza ofrecía el trato más exquisito. (PACHECO MEDRANO, 2010, p. 25).

Tanto na descrição da estrutura da casa como na citação, é possível observar que, na relação estabelecida entre Giraldo e os visitantes, existe uma hierarquização que é herdada da sociedade colonial que classifica os homens a partir da diferenciação pela cor da pele, pelo título nobiliário, pelos ingressos econômicos, pelos antepassados ou pelo local de procedência (FLORES-GALINDO, 1986). Assim, apesar de a família de Sara ter uma fazenda no interior de Cusco, é considerada de menor prestígio, já que o poder latifundiário se viu diminuído depois da abolição da escravidão. No início do século XX, a classe emergente é a burguesia mercantil, estrato social ao qual pertence Giraldo. Também é visível a presença do racismo nessa distribuição dos cômodos destinados aos visitantes. Enquanto o dormitório grande do primeiro pátio era o lugar designado aos viajantes mais ilustres, na sua maioria comerciantes estrangeiros provenientes dos países próximos (Argentina, Chile, Uruguay), os quartos desvencilhados que se encontravam no terceiro pátio serviam de moradia tanto para familiares muito distantes que só chegavam na casa para pedir dinheiro emprestado quanto para *pongos*² ou serviços indígenas que chegavam com mercadorias e presentes para a família.

Se a distribuição e a designação dos quartos aos convidados seguem uma classificação relacionada a preconceitos herdados do colonialismo, também é possível observar que existem quartos que estão proibidos. O galpão fechado com duplo cadeado é um desses espaços. Esse quarto

clausurado também é legado do Julio Loayza ao filho. Nele esconde-se um segredo em que confluem a divisão social, o racismo, o poder patriarcal e a violência. O particular desse segredo é que as personagens que o guardam e que carregam a culpa são as mulheres. Porém, para explicar melhor o segredo que oculta o galpão, é necessário analisar as violências que se desenvolvem em torno dos sucessos nele acontecidos.

Entre segredos e culpas: violência dentro da casa

As categorias violência subjetiva e violência objetiva, desenvolvidas por Slavoj Zizek (2014), auxiliam no entendimento de processos agressivos dentro das sociedades. Para o autor, as diferenças entre violências subjetiva e objetiva estão relacionadas com os agentes, com a visibilização e com os métodos de execução. A violência subjetiva, denominada pelo autor como de grau zero, é a mais visível e é exercida por agentes plenamente identificáveis. Ela se manifesta como uma perturbação do estado normal e pacífico do convívio na sociedade. Por sua vez, a violência objetiva se executa dentro dos cimentos da normalidade social, portanto, é uma violência invisível que sustenta e mantém as hierarquias do *status quo* (ZIZEK, 2014). Esse segundo tipo de violência é dividido pelo autor em violência sistêmica e violência simbólica.

A violência sistêmica é aquela que se encontra intrinsecamente estabelecida na sociedade. Ela se manifesta sutilmente, por meio de coerções que sustentam as relações de dominação e exploração. Outra característica é que possibilita a criação e definição de categorias automáticas para classificar os “outros” como sujeitos excluídos ou dispensáveis no sistema social (ZIZEK, 2014, p. 24). Já a violência simbólica é aquela que está encarnada na linguística e nas suas formas expressivas. A linguagem, argumenta Zizek (2014), funciona como meio de reconciliação e mediação, procura o diálogo, o debate e a troca de palavras. Mas também é capaz de tornar possível a violência real ao designá-la e julgá-la. Muitas vezes essa linguagem é usada para suavizar, minimizar ou justificar atos violentos cometidos pelos detentores do poder, tendo como objetivo a manutenção da ordem social imperante.

Os três tipos de violência descritos separadamente ajudam a ter uma noção do que representa cada um. Porém, devemos entender que, quando executados, se correlacionam, pois fazem parte de um todo. Poderíamos entender esses três tipos de violência como um *iceberg*, cuja parte visível é a

violência subjetiva, que aparece como ação ou reação ao sistema econômico-político-social estabelecido. Mas essa parte visível só é a ponta desse bloco de gelo que resguarda, por baixo da mansidão da maré, uma estrutura maior, escura e complexa daquilo que aparece na superfície.

No romance de Pacheco Medrano, observamos essas violências em diversos momentos da narrativa. Não obstante, dois eventos são os fios condutores do enredo. O primeiro é o assassinato de quatro jovens na fortaleza de Sacsayhuaman. Sem motivos claros, essas mortes e as personagens envolvidas vão ser apresentadas em diversos momentos, até descobrirmos, nos capítulos finais, quais foram as motivações dos homicídios. O segundo evento é a tragédia acontecida no galpão do terceiro pátio da casa dos Loayza, motivo pelo qual se mantém fechado com dois cadeados. Dando continuidade à análise da casa como espaço que refracta o funcionamento da sociedade, pretendemos focar no acontecido no galpão, pois esse fato ilustra não só os três tipos de violências descritas por Zizek, quanto a relação estreita que se estabelece entre a história da família, a história local e a história nacional.

No capítulo 16 do romance, são narrados o contexto e o crime acontecido no galpão no ano de 1849, quando a casa ainda era propriedade de Julio César Loayza. Naquele ano, um líder indígena, sua esposa, sua filha de sete anos e seu pai chegaram ao centro de Cusco para reclamar, ao juiz da localidade, as terras que ocupava ilegalmente o fazendeiro Juan Armando Orozco:

Por fin llegan ante el juez; este los escucha: no han podido pagar los quintales de lana que adeudan por el uso de la tierra que arriendan al hacendado y les han incautado sus ovejas. Pero la denuncia va más allá: no debían pagar ni un solo gramo de lana; he ahí que esos papeles recientemente descubiertos avalan a su comunidad como propietaria de las tierras que han estado trabajando gratis como si fueran ajenas; tierras ajenas; tierras comunales intangibles, como dicta ese documento colonial; *tierras que les fueron arrebatadas en medio de las expropiaciones y repartijas que alguna gente con influencias trajinó tras la independencia*. No solo van a exigir la devolución de sus animales, sino además la reivindicación de esas tierras. (PACHECO MEDRANO, 2010, p. 124-125, grifos nossos).

Observa-se na citação que a reclamação do líder é uma tentativa para desvendar as irregularidades no sistema que permitiram a acumulação de riquezas por parte de alguns sujeitos *civilizados* em detrimento do bem-estar dos *outros* subalternizados. Nessa passagem, o narrador mostra quais foram os mecanismos utilizados pelos grupos de poder para se apropriar e enriquecer com territórios alheios, entre os que se encontram a corrupção e o tráfico de influências. Esses mecanismos permitiram a Juan Armando Orozco se tornar um fazendeiro rico a partir da exploração dos indígenas. Os documentos apresentados pelo líder visibilizam a violência sistêmica com que age

o aparato político-social em favor dos detentores do poder, dos letrados e dos *civilizados*; embora isso signifique a submissão e exploração dos *indígenas*.

Ao ler os papéis, o juiz convence o líder a deixar esses documentos no Bispado da cidade, local onde eles estariam resguardados. Também o persuade para que seja ele, o juiz, quem deixe a documentação na instituição religiosa. Ao terminar a audiência, o juiz procura o fazendeiro, que chega pouco tempo depois à cidade. O magistrado entrega os documentos a Juan Orozco com o intuito de que o problema da reclamação das terras terminaria nesse momento. Porém, Juan Orozco “[...] dueño de una de las haciendas laneras más prósperas de la región, quería dar un *escarmiento ejemplar*.” (PACHECO MEDRANO, 2010, p. 125, grifos nossos). No excerto, o narrador mostra uma das funções da violência simbólica: legitimar fatos violentos com o objetivo de manter o *status quo*. A vingança futura é justificada por Juan Orozco como ações pedagógicas que devem ser administradas para que nenhum outro indígena *bárbaro* pretenda se sublevar ao papel de subalternidade designado a eles.

Julio César Loayza ajuda Juan Orozco a *educar* esse indígena. Entre eles e dois empregados de Juan, chegam à pousada onde se encontrava o líder com sua família e levam todos ao galpão do terceiro pátio da casa de Julio. Já na estância, os quatro homens, entre eles o soberano da casa, iniciam com a tortura da família. Todos são amordaçados, amarram numa viga os dois homens para que observem o estupro reiterativo à mulher e à menina. Batem nos homens, jogam parafina quente de vela nos olhos do líder deixando-o cego, assassinam a criança e o pai e estupram a mãe até deixá-la louca. A violência física – entendida por Zizek como subjetiva – presente nesse acontecimento demonstra o sadismo e a brutalidade com que os *civilizados* podem agir contra quem reclama seus direitos.

A cena violenta vai ter uma testemunha inesperada, a esposa de Julio. Ela, que naquele momento se encontrava amamentando Rolena, escuta um grito afogado, sai do quarto da criança e percebe luz no galpão nos fundos da casa. Aproxima-se ao lugar e observa por uma frincha:

[...] descubre a su marido apagando para siempre otra luz: con el fuego de una vela está cegando los ojos de un hombre atado a un poste [...]. Como si fuera una pesadilla interminable, Alejandrina no alcanza a gritar: más allá distingue a una mujer que permanece aplastada bajo el cuerpo de un sirviente de Orozco que se ha distraído para contemplar cómo el hombre que acaba de ser cegado se retuerce de dolor. (PACHECO MEDRANO, 2010, p. 129).

Alejandrina, ao testemunhar a cena, dá um berro e desmaia. Ela, assim como a família indígena, também se encontra numa posição de subalternidade. Lembremos que a dominação masculina começa a se instaurar no âmbito familiar para depois se expandir ou reproduzir na esfera pública. É devido a sua condição de subalternizada que a mulher decide assumir a culpa do marido. Ainda mais quando ele, se valendo da linguagem, sutilmente indica o que poderia acontecer com ela se comentasse o que viu:

Ella mira a su marido. Él le sostiene la mirada, le dice que *está muy preocupado por su salud*, por las cosas que ha pronunciado en delirio, *le advierte* que espera que *no se esté volviendo loca*, le repite que en su trance ha dicho cosas tremebundas, que cuida bien lo que dice; pues *si se está volviendo loca, va a tener que separarla de sus hijos*. (PACHECO MEDRANO, 2010, p. 124-125, grifos nossos).

As partes destacadas do trecho citado fazem parte da violência simbólica na forma de ameaças. O proceder do esposo dispensa justificativas, mas se a mulher decide desvendar esse fato, ela automaticamente será catalogada como louca e a sua função materna corre o risco de desaparecer. A única condição que Alejandrina coloca para não falar é que esse galpão se mantenha fechado para sempre, petição que é aceita por Julio. Contudo, embora a mulher esteja em uma posição de desvantagem em relação ao homem, consegue se valer das armas que tem para castigar o marido: a sua função reprodutora.

Quando aconteceu o fato, Alejandrina já tinha os dois filhos: Giraldo e Rolena. A partir desse dia, ela fez de tudo para que as gestações futuras não culminassem no nascimento dos filhos. Foram dez vezes que ela teve que interromper a sua gravidez. Isso aconteceu porque, apesar de estar sob a dominação masculina, ela “tem uma possibilidade de resistência contra o efeito de imposição simbólica” masculina (BOURDIEU, 2012, p. 22). Da mesma forma, o compartilhamento do segredo com sua filha Rolena e com sua nora Sara contribuiriam para que, no futuro da família, a última filha de Giraldo Loayza consiga se rebelar às opressões e violências que impõe a dominação masculina.

Ao modo de conclusão: confluência históricas

La sangre, el polvo la nieve apresenta a história de Giralda e de sua família. O romance pode ser considerado como “de formação”, já que nele se narra o desenvolvimento e a mudanças na vida da personagem principal. Porém, não é só um romance de formação, pois não se limita a apresentar

a vida e as crises pessoais ou familiares da personagem. A história íntima de Giralda se encontra vinculada ao desenvolvimento e às mudanças de Cusco, pois é atravessada por fenômenos naturais ou sociais, tais como o terremoto de 1950 e suas consequências sociais. Da mesma forma, se relaciona com eventos que acontecem no cenário político peruano, como as perseguições políticas e a repressão militar contra os militantes de esquerda. Adicionalmente, também aparecem os estereótipos de classe, raça, estratos econômicos e culturais, assim como as violências impunes contra sujeitos considerados subalternos.

Da mesma forma, o espaço íntimo da família também apresenta as hierarquias sociais dentro desse núcleo social que se replicam na organização estatal. O pai, *pater*, é quem governa e quem define e decide o destino da esposa e dos filhos. Ele pode agir negativamente contra os outros da família, por meio das violências subjetiva ou objetiva, sem precisar se justificar, menos ainda tem algum tipo de punição legal pelos crimes que comete. Contudo, as mulheres subalternizadas têm a possibilidade de *castigar* o homem com a única ferramenta que possuem: o corpo e a reprodução da estirpe familiar.

Por último, podemos indicar que, nessa primeira aproximação ao romance de Pacheco Medrano, pretendemos correlacionar as histórias familiar, local e nacional com o intuito de demonstrar que a narrativa peruana escrita por mulheres, embora tenha uma forte tendência a abordar o mundo íntimo e familiar, também é capaz de problematizar o estereótipo religioso de família como espaço de amor e reciprocidade, para desvendar as relações de poder em que se encontra cimentada. Paralelamente, a quebra desse mundo íntimo também está relacionada com a expansão dessa hierarquia familiar, para o âmbito social em que as instituições sociais e estratos de poder, sob o sistema de dominação masculina, também subjagam os outros através da força e da violência.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CHAUÍ, M. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

FLORES-GALINDO, A. La tradición autoritaria: violencia y democracia en el Perú. In: KLAIBER, J. (Org.). *Violencia y crisis de valores en el Perú*. Lima: PUCP, 1987. p. 21-73.

JELIN, E. *Las tramas del tiempo: familia, género, memorias, derechos y movimientos sociales*. Buenos Aires: CLACSO, 2020.

JELIN, E. *Pan y afectos: la transformación de las familias*. 2. ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

PACHECO MEDRANO, K. *La sangre, el polvo, la nieve*. Lima: Editorial San Marcos, 2010

ZIZEK, S. *Violência: seis reflexões laterais*. São Paulo: Boitempo, 2014.

¹ Resultado parcial de pesquisa realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – código de financiamento 001.

² *Pongo* é a denominação usada em regiões alto-andinas para designar os indígenas que trabalham sem remuneração em uma fazenda e que estavam obrigados a servir ao proprietário em troca do pedaço de terra que o fazendeiro outorgava a eles para o cultivo de alimentos.